

Escrevivências de Carolina Maria de Jesus: o enlace entre o conhecimento histórico e a Literatura Afro-brasileira

Janaina Rodrigues Pitas

Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso

janainapitas@gmail.com

Este trabalho analisa através da literatura Afro-brasileira algumas obras de Carolina Maria de Jesus como documento histórico no intuito de refletirmos criticamente sobre nossa sociedade (condição humana: de homem, mulher, pobre, rico, negro, branco, marcas da fome, etc.), percebemos nestas narrativas a denúncia contra as desigualdades raciais, sociais e de gênero. Desse modo buscamos debater a importância da literatura Afro-brasileira em algumas instituições de ensino público (escolas estaduais, escolas municipais e IFMT/Primavera do Leste), enquanto conhecimento histórico, no intuito de provocarmos o incômodo sobre a invisibilidade da literatura Afro-brasileira em nossa sociedade e fomentar o seu uso enquanto possibilidade para a valorização e reconhecimento da História e Cultura Afro-brasileira. Algumas obras de Carolina Maria de Jesus são de cunho autobiográfico, as quais evidenciam a conscientização social e política da escritora, nos apresentando uma análise do contexto histórico na década de 1960 através de vivências na favela do Canindé/SP. Refletimos que promover tais diálogos na Educação Básica incide na desconstrução do currículo eurocêntrico, na representatividade da Cultura Afro-brasileira e enuncia o protagonismo negro.

Palavras-chave: Conhecimento histórico, Literatura Afro-brasileira, Sociedade.

Entendemos que o processo para a desconstrução da visão eurocêntrica perpassa pela necessidade de aprendizagens para a educação das relações étnico-raciais, que incidem na valorização da história e cultura afro-brasileira por meio das expressões culturais (linguagem, literatura, produção artística, etc). Neste sentido buscamos analisar as contribuições de Carolina Maria de Jesus na literatura Afro-brasileira para o reconhecimento e valorização da história e cultura Afro-brasileira.

Na historiografia e na literatura temos algumas referências que nos ajudam a refletir sobre a importância das obras de Carolina Maria de Jesus. Entre elas temos a influência do historiador E. P. Thompson que evidenciou a perspectiva da “História vista de baixo”, a história de pessoas comuns, a qual repercutiu numa historiografia brasileira sensível às vozes das minorias (negros, mulheres, indígenas, operários, etc), e que busca a desconstrução da “História dos vencedores”.

O uso da literatura enquanto fonte possibilita o uso da memória e identidade Afro-brasileira, que por vezes foi silenciada. Na obra literária é possível compreender como o escritor apresenta sua visão perante a sociedade e sua época, nesse sentido a literatura é uma ferramenta de análise e tem a função de testemunho histórico.

O historiador ao utilizar do documento literário como seu objeto de análise possibilita que as narrativas reflitam aspectos da sociedade e o seu poder de intervenção social.

Colaborando com essa perspectiva de conhecimento histórico e uso da literatura Afro-brasileira temos os documentos que enfatizam a necessidade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira por meio da(s): Lei 10.63/03, Lei 11.645/09, Orientações Curriculares de Mato Grosso, Base Nacional Curricular/Documento de Referência de Mato Grosso, que trazem:

As proposições da Lei 10.639 exigem revisões não apenas das interpretações da trajetória histórica dos negros africanos e afro-brasileiros, até então representada pela via quase exclusiva da desigualdade e intolerância, geradora de inversões do significado de ser negro no Brasil mas das práticas de ensino nas áreas de Educação Artística, Literatura e História exigindo uma mudança radical das tradicionais abordagens didático-pedagógicas em relação aos problemas colocados pelos tópicos de cultura africana, diáspora negra, representações do trabalho escravo, entre outros (CAMPOS, 2004, pg. 41).

Nesse sentido buscamos o ensino da História e Cultura Afro-brasileira para uma atitude compromissada, em que o/a negro/a é protagonista, herói/heróina na representação e narrativas literárias.

Entre as análises sobre a literatura Afro-brasileira visualizamos os seguintes questionamentos e aspectos que a caracterizam:

Ao considerar essa produção literária, o crítico pergunta: o que torna a escrita afro-brasileira distinta do acervo das letras nacionais? Que elementos diferenciam essa produção literária da literatura canônica, conferindo a ela uma especificidade? Tentando responder às questões, Duarte aponta cinco características que poderiam ser pensadas como inerentes ao “pertencimento de um texto à Literatura afro-brasileira”, a saber: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público (FONSECA, 2018, p.04).

Somada a essa caracterização refletimos sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, que por inúmeras vezes foi apresentada nos textos literários de forma estereotipada, e nesse sentido a literatura do negro na perspectiva da valorização traz um diferencial: a identidade e afirmação cultural.

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro (FILHO, 2004).

Nesse diálogo percebemos que o interesse pela literatura Afro-brasileira ampliou-se a partir do movimento negro no final da década de 1970 e que a produção na perspectiva Afro-brasileira tornou-se uma aliada na construção de uma identidade negra, pois traz representatividade, conscientização sobre o “ser negro”, numa sociedade que não valorizava a produção literária escrita por autores/as negros/as.

Enquanto denúncia Carolina Maria de Jesus já apresentava em suas obras na década de 1950 as condições de vida, preconceito e de discriminação do/a negro/a na sociedade brasileira, pois:

(...) Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: — É pena você ser preta. Esquecendo-se eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2014, p. 64).

Contudo, a autora nos surpreende com sua autofirmação ao contestar aquele tratamento de discriminação racial, era uma escritora negra que resitia a diversos tipos de preconceito: racial, acadêmico, social e de gênero.

Em consonância com esse papel social da literatura, Candido (2004,p. 180) apresenta um reflexão, em que a produção literária é tida como instrumento consciente de desmascaramento e luta pelos direitos humanos, em que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nós torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”.

Nesta perspectiva levamos para nosso diálogo a importância de conhecermos a biografia e obras de Carolina Maria de Jesus, entre as publicações da autora estão: Quarto de despejo (1960); Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada (1961); Pedacos da Fome (1963); Provérbios (1965); Diário de Bitita (1977).

No intuito de dar voz as suas vivências, escolhemos dialogar por meio dos seguintes livros: “Quarto de despejo”, “Diário de Bitita”, ambos de Carolina Maria de Jesus e outras duas obras biográficas, “Carolina: uma biografia” de Farias (2017) e

“Carolina” de Barbosa e (2018), sendo esta última no formato em Hq. A partir disso buscamos identificar na sua autobiografia alguns aspectos históricos, sociais, políticos e culturais. Nesse sentido utilizamos o termo *escrevivências*, criado pela escritora Conceição Evaristo, que analisa a produção de Carolina Maria de Jesus como de suma importância, comparando a Clarice Lispector, para ela:

Carolina trabalha com a *escrevivência*. Clarice, com a ficção, e isso não significa dizer que sua literatura é ruim, pelo contrário, mas é reiterar que a literatura de Clarice não é superior à de Carolina; dizer que sua força de mulher negra, trabalhadora, mãe de três filhos e chefe de família está registrada em seus escritos (BARBOSA, 2018).

A apresentação desse debate no campo da literatura e história começou no ano de 2018 e perpassa pelo ano de 2019, em que realizamos alguns debates por meio do minicurso “*Escrevivências de mulheres negras*” no IFMT/Primavera do Leste para alunos do Ensino Médio, para professores da rede pública e municipal, após a isso houve o convite para dialogarmos em duas escolas estaduais do campo/área rural de Primavera do Leste (E.E. Massapê e E.E. Pe Onesto Costa) com os alunos do Ensino Médio, além de uma palestra para educadores da rede municipal e estadual de Primavera do Leste sob a organização do SINTEP-Sindicado dos trabalhadores de Mato Grosso.

No primeiro momento de nossa apresentação provocamos os alunos e educadores com as seguintes questões:

Quantas escritoras negras vocês já leram? Quais escritoras? Quais livros?

Quantos livros vocês conhecem da literatura Afro-brasileira?

Como resposta de um público de aproximadamente 750 pessoas (somando os diferentes espaços institucionais) tivemos apenas 12 pessoas que disseram ter lido livros de escritoras negras, entre elas estavam Carolina Maria de Jesus e Chimamanda N. Adichie¹. Nesse momento refletimos que embora alí houvesse um pequeno número de leitores “familiarizados” com a literatura Afro-brasileira hoje temos o crescimento dessas produções, mas que assim como as obras de Carolina Maria de Jesus ainda permanecem desconhecidas/invisíveis para grande maioria de professores, alunos, escolas e sociedade brasileira.

¹ Escritora nigeriana.

Juntamente a essa análise debatemos sobre as dificuldades na produção, publicação e divulgação da literatura Afro-brasileira, identificamos que embora crescente por conta de pequenas editoras, ainda é muito pequena se comparada a publicação de autores/as brancos/as, diante do mercado editorial.

Uma pesquisa coordenada pela professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UNB), por exemplo, mostra dados indiscutíveis sobre a publicação de romances nas principais editoras do país. Entre 2004 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos. No mesmo recorte temporal, só 6,9% dos personagens retratados nos romances eram negros, sendo que só 4,5% eram protagonistas da história. E, entre 1990 e 2004, o top cinco de ocupações dos personagens negros era: bandido, empregado doméstico, escravo, profissional do sexo e dona de casa (OLIVEIRA, 2018).

Para superar essa visão pejorativa do negro na literatura brasileira e em busca do protagonismo negro sugerimos a leitura de algumas autoras da literatura Afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Cidinha da Silva, Bianca Santana, Ryane Leão, entre outras. Também lembramos que nesse contexto temos vários escritores negros de importância, mas nesse momento enfatizamos as produções femininas, pois queríamos evidenciar a resistência da mulher negra.

Nesse diálogo, escolhemos para provocar tal interesse, entre os educadores e alunos, a escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do país, que nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, neta do Sr Benedito (ex-escravizado) e filha de uma lavadeira analfabeta, que cresceu em uma família com mais sete irmãos. Buscamos apresentar, assim, a escrita de Carolina Maria de Jesus como ato de resistência, considerando que:

Apresentar uma mulher negra, moradora de uma das primeiras ou da primeira favela de São Paulo, na década de 1950, chefe de família, que sustentava o lar como coletora de material reciclável e escritora é uma “porrada” na porta branca e elitizada da literatura brasileira” (BARBOSA, 2018).

Em relação a importância da vida escolar da escritora constatamos que Carolina Maria de Jesus logo desenvolveu o gosto pela leitura e escrita, em que:

Ao contrário dos primeiros dias de aula, quando não queria estudar de jeito nenhum, por causa da implicância dos colegas e porque ainda mamava no peito da mãe, agora ela estava revoltava por ter que deixar aquele lugar, onde acabou fazendo bons amigos e que tinha uma professora que respondia tudo o que ela queria saber sobre a vida e sobre o mundo. Chorou muito, entristeceu-se bastante, revoltou-se mais do

que pode, mas não teve outro jeito, a mãe Cota precisava ganhar a vida e sobreviver, o que era praticamente impossível numa cidade tão tradicional e pacata, e cada vez mais cara e difícil para se relacionar (FARIAS, 2017, p.54).

Na sua trajetória nos impressiona que mesmo com pouco tempo de escolarização formal, pois frequentou a escola somente até o 2ª ano do primário, havia em Carolina Maria de Jesus um sentimento de descoberta, encantamento e liberdade por conta da leitura e escrita, além de ser auto-didata ela era questionadora e curiosa, por isso era chamada de indisciplinada, agressiva e língua de fogo.

A discriminação racial é marcante em sua obra:

“Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto (JESUS, 2017, p. 55).”

Neste fragmento a autora já denunciava a condição do negro na favela, na atualidade, juntamente com os alunos e professores, nos faz repensar sobre o que mudou e o que permanece em nossa sociedade no âmbito dos direitos e falta de oportunidades para a população negra, a qual ainda sofre com o genocídio, compõe expressivamente a massa carcerária e liderando o ranking de assassinatos no mapa da violência no Brasil.

No livro *Diário de Bitita* apresentamos as memórias de infância, adolescência e juventude de Carolina Maria de Jesus, observamos que o manuscrito foi modificado de acordo com a norma culta e foi traduzido do francês para o português. A obra divide-se em algumas categorias: os negros, a família, a doença, o racismo, a misoginia, a exploração do trabalho, etc.

Também percebemos nessa obra que a questão da desigualdade social estava na marginalização do negro/a, na falta de registros oficiais e no analfabetismo para a população negra:

Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam no exército porque não eram registrados, não eram sorteados. Eles diziam: -É orgulho. Só os brancos são considerados brasileiros. Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário o atestado de óbito para sepultar os mortos (JESUS, 2017, p. 123).

O feminismo era presente na escrita da autora, que tecia críticas sobre como as mulheres eram tratadas naquela época, se incomodava com a violência e autoritarismo, algo recorrente nas narrativas de Carolina Maria de Jesus, veja:

Quando o vovô veio almoçar, não tinha farinha. Ele não comia sem farinha, porque na época da escravidão os pretos eram obrigados a comer angu e farinha. À tarde, quando foi jantar, encontrou farinha. perguntou a siá Maruca: -Onde e como conseguiu dinheiro para comprar farinha? Os seus olhos voaram para o rosto da siá Maruca, que havia mordido os lábios. Por fim, ela resolveu responder: -Eu lavei as roupas da dona Faustina, ela pagou, eu comprei cinco quilos de farinha, lavei duas dúzias por um mil-réis. O quilo de farinha custou duzentos réis. O meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a. Dizia: -É a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora sou eu! Se a senhora não sabe obedecer, vá embora! A siá Maruca chorou. E eu fiquei pensando: “É melhor ser meretriz, ela canta, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém” (JESUS, 1986, p. 82-83).

Podemos perceber a contestação e a indignação que Carolina Maria de Jesus sentia no modo como eram tratadas as mulheres na sua família e na sociedade.

Após um período em que oscilou morando nas ruas e na casa de seus patrões, onde trabalhava como doméstica, em 1948, numa política gerida pelo governador Ademar de Barros, de retirada dos moradores de rua do centro da cidade de São Paulo Carolina Maria de Jesus muda-se para a favela do Canindé/São Paulo, era mãe de três filhos, ela mesma construiu sua casa, um barraco feito de tábuas, coberto com lata, papelão e tábuas, na rua A, barraco número 9.

No ano de 1958 o repórter do jornal Folha da Noite (hoje Folha de São Paulo), Audálio Dantas vai até a favela do Canindé/SP para fazer uma reportagem e conhece a escritora que ameaça colocar os nomes de alguns marmanjos no seu livro, pois faziam mau uso do parquinho. Ao ouvir isso o repórter fica intrigado com a possibilidade de ter encontrado um escritor na favela. Ao constatar que ela possuía mais de 50 cadernos manuscritos se interessou pelo diário “Quarto de despejo” e se torna uma figura fundamental para a publicação do mesmo.

Nesta obra podemos visualizar: a história de superação da autora; a denúncia de miséria na favela; constatamos que a autora lia a partir dos “achados” no lixo (livros, jornais e revistas, etc.) e escrevia abundantemente; a busca pela sobrevivência, por vezes de restos de alimentos encontrados no lixo, ela dizia: a fome tem cor, é amarela; havia uma consciência social, política, sobre o papel da igreja e a repressão da polícia; a autora não aceitava ser “despejo”, sonhava em sair daquela condição, da favela, e por diversas vezes denunciava a dificuldade que tinha para manter-se diante do alto custo de vida: .

15 de julho de 1955 – Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente, somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2014, p. 11).

Por diversos momentos encontramos nas narrativas da autora uma correlação entre o período de escravidão no Brasil aos dias atuais, lembrando que a autora nasceu no período pós abolição no Brasil, entre os aspectos recorrentes estava a fome:

13 de Maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. (...) Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: -“Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2014, p. 30)

Mesmo com a toda a importância de sua escrita a partir de suas vivências Carolina Maria de Jesus morreu no ostracismo, suas obras foram “adormecidas” no período da Ditadura militar, além disso sofreu com o preconceito linguístico, social, racial e de gênero, passou por diversas lutas, enquanto mulher, ex-favelada e poetisa preta, mas resistiu, confiante sobre o seu valor, algo que incomodava a elite branca.

A partir de 2014, um século após o seu nascimento, a autora passa a ser revisitada, na atualidade várias Universidades passaram a cobrar nos vestibulares o livro Quarto de despejo (UFRS, UNICAMP, UFSC, UEM, etc.), sinalizando a importância das suas obras literárias para valorização da história e cultura Afro-brasileira.

Durante os diálogos nas instituições de ensino, no ano de 2018, apresentamos os seguintes procedimentos metodológicos: exposição da biografia de Carolina Maria de Jesus; algumas imagens e recortes das obras literárias selecionadas (Quarto de despejo e Diário de Bitita); leitura e debate sobre os fragmentos das obras escolhidas;

produção de um varal literário; abertura para debate; avaliação sobre a relevância de conhecermos as obras de Carolina Maria de Jesus e a literatura Afro-brasileira de forma mais ampliada para uma leitura crítica sobre a nossa realidade brasileira.

Constatamos que as obras analisadas ainda são desconhecidas para maioria dos alunos e educadores, durante os diálogos percebemos que: despertamos algumas curiosidades sobre a autora e suas obras; Após os debates e a partir das obras de Carolina Maria de Jesus muitos educadores se disseram surpresos com a riqueza da produção da escritora negra e se perguntavam como não haviam se atentado para essa e outras leituras Afro-brasileiras na sua formação inicial, continuada e em sala de aula; e apontaram a literatura Afro-brasileira como importante possibilidade para o reconhecimento e valorização da História e Cultura Afro-brasileira.

Desse modo, buscamos apresentar por meio da biografia e obras literárias de Carolina Maria de Jesus o conhecimento histórico que perpassa por tais produções, a valorização da história e cultura Afro-brasileira por meio da afirmação identitária, o protagonismo da mulher negra, debates sobre a discriminação racial, a desigualdade social, a violência contra a mulher em nossa sociedade brasileira, aspectos que, infelizmente, ainda perduram e que tornam a escrita de Carolina Maria de Jesus tão atual. Nesse contexto, entendemos que a literatura Afro-brasileira contribui no processo de humanização e conscientização social e racial, pois: “A literatura confirma e nega, propõe e denúncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente o problema” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Contudo, visualizamos que o nosso grande desafio está na falta de visibilidade, ampliação e aprofundamento da literatura Afro-brasileira como atitude compromissada, nos bancos escolares, no Ensino Básico, nas Universidades, etc., para que possamos desconstruir a visão estereotipada do/a negro/a em nossa sociedade. Precisamos construir uma leitura crítica, desnaturalizando a forma como vem sendo representado o negro/a na nossa literatura, enquanto objeto (sexual, marginal, inferior, aninamalesco, etc.), o qual deveria ser o sujeito, o/a protagonista. Nesta busca almejamos compreender historicamente, por meio da literatura Afro-brasileira, as mudanças, as permanências em nossa sociedade, e quem sabe assim poder colaborar no combate às injustiças raciais e sociais, que oprimem a população negra no Brasil.

Referências

BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. **Carolina**. 3ª edição. São Paulo: Veneta, 2018.

BARBOSA, Sirlene. **Trabalhar a literatura de Carolina Maria de Jesus foi imprescindível para descolonizar olhares**”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/trabalhar-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-foi-imprescindivel-para-descolonizar-olhares/>. Acessado em 15/03/2019.

BITTENCOURT, Circe Maria
Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 2. ed. São. Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS. Paulo Fernando de Souza. **Ensino, a História e a Lei 10.639**. História e Ensino, Londrina, v. 10, p. 41-52, out. 2004.

CANDIDO, Antônio. **A Literatura e a formação do homem**. In: _____. Textos de intervenção. Seleções, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2002 [Online]. Disponível em <http://books.google.com.br/>. Acesso 18/04/2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004, pp. 169-191.

COSTA, Candida Soares da. **Educação para as relações etno-raciais**: planejamento escolar e literatura no Ensino Médio. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

DALCASTNÈ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 15/03/2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: Rassegna Iberistica, vol. 37, n 102, 2014.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, vol.18 no.50 São Paulo Jan./Abr. 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O olhar da crítica afro-brasileira: três momentos. In: SOUZA, Elio Ferreira de. (Orgs.) et. al. **Literatura afro-brasileira e africana** / Teresina : FUESPI, 2018. 782 p. - (Coleção África Brasil ; v. 9).

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____, Carolina. Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10º ed. - São Paulo: Editora Ática, 2014.

OLIVEIRA, de André. **Os negros como protagonistas na literatura num país de maioria negra**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/cultura/1526921273_678732.html. Acessado em: 10/03/2019.

SILVA, Petronilha B. G. **Estudos Afro-Brasileiros**: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICS, M. de A. B.; GOMES, N. L. (Orgs.). Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organização Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.